
Epistemologia da comunicação e o conceito de jornalismo científico¹

Ana Paula Vieira²

Magno Medeiros³

Universidade Federal de Goiás - UFG

Resumo

Esse artigo tem como objetivo “desentranhar” (Braga; 2004, 2011) o conceito de jornalismo científico em consonância com a discussão epistemológica acerca do campo da comunicação, de forma a elucidar algumas críticas ao conceito, problematizando se ele carece de atualização. Para isso, será utilizado o método do levantamento bibliográfico, baseado em trabalhos de Braga (2004, 2011) e Signates (2012, 2018, 2023) sobre epistemologia e de Bueno (1984, 1985, 2009 e 2021) sobre jornalismo científico. A empreitada se justifica pela necessidade de um maior refinamento teórico e conceitual acerca da comunicação, um campo em constituição, e pela contribuição epistemológica desse tipo de trabalho. O resultado preliminar é a indicação de uma atualização do conceito de jornalismo científico, o que comprova a importância dos debates epistemológicos sobre o campo da comunicação.

Palavras-chave

Jornalismo científico; epistemologia; comunicação.

Epistemologia da Comunicação

Estudar e pesquisar comunicação atualmente ainda significa se envolver com múltiplas referências das Ciências Humanas e Sociais em geral, como a Sociologia, a Filosofia e a Linguística, para citar alguns exemplos. A preocupação com a epistemologia do campo da comunicação não propõe prescindir dessa base, - pelo contrário, a diversidade e os estudos de interface (Braga, 2004) são constitutivos da área -, mas implica a atenção com a especificidade dos problemas de pesquisa e o delineamento dos objetos de estudo. Braga (2004, p. 220) oferece um panorama sobre o campo da comunicação:

(...) se encontra em fase de constituição como disciplina acadêmica. Essa fase se caracterizaria, sobretudo, por seu baixo índice de formalização; pela ainda forte dispersão de questões (embora hoje possamos perceber um certo esforço de obtenção de sistematização); pelo fato de que uma parte excessiva das contribuições para nosso foco de interesse é gerada no âmbito de outras Ciências Humanas e Sociais (CHS); e porque uma boa parte dos próprios problemas e questões que movem o campo nos é ainda sugerida “de fora” (às vezes diretamente, às vezes por transferência).

¹ Trabalho apresentado ao GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: ana.vieira@ufg.br

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: magno@ufg.br.

Ao assumir que se trata de um “campo em construção” (Braga, 2004) ou “em constituição”, como afirmou mais tarde (Braga, 2011), o autor toma o cuidado de esclarecer que isso não pode ser sinônimo de falta de rigor científico, de dispersão e de holismo conceitual, mas sim uma oportunidade de reflexão sobre os caminhos adotados e de promover uma visada processual para esse momento. Sendo assim, ele defende que o olhar epistemológico deve ser no sentido de que “as práticas de pesquisa que darão o direcionamento para uma efetiva construção” (Braga, 2004, p. 221) e não de que o campo deve se limitar a desvendar a “natureza das coisas”.

Este artigo faz parte de uma pesquisa de doutorado intitulada “Ciência no telejornalismo: abordagens da TV comercial e da TV pública sobre cientistas e universidades”, que tem como objeto o jornalismo científico, mais especificamente aquele praticado no formato do telejornalismo. Sendo assim, seria imperioso pensar que certamente o objeto de pesquisa se insere no campo da comunicação e tem seu viés especificamente comunicacional, como José Luiz Braga e Luiz Signates defendem que é o ideal, em seus debates e pesquisas epistemológicas. Braga (2004) assume que quando se pensa na construção do campo, o mais consensual é aceitar que ele deve se dedicar aos estudos sobre a mídia e seus processos. Por outro lado, ele ressalva a dificuldade de definir o que é mídia e a ideia de que a referência a ela, principalmente de forma instrumental, nem sempre faz com que o estudo seja inegavelmente do campo comunicacional.

Trata-se, então, de discutir um passo além da “escolha do objeto”. Isso envolve trabalhar outro problema derivado - correspondente à abrangência e à formulação do objeto nos termos que interessam ao campo, uma vez que - como é óbvio - não se tratará nunca do objeto empírico ou da situação de referência, mas de um modo específico de problematizá-lo. Trata-se, portanto, da possibilidade (ou não) de se constituir questionamentos produtivos de conhecimento diferenciados dos questionamentos propostos por outras CHS (Braga, 2004, p. 223).

Por isso, o presente estudo se propõe a “desentranhar” o conceito de jornalismo científico, procurando problematizações específicas que ajudem a elucidar a sua caracterização especificamente comunicacional e a relevância da pesquisa de doutorado em que se insere. Braga (2004, p. 229) mostra que “o desentranhamento corresponde a refletir sobre a presença do comunicacional na interface estudada, a observar as questões, problemas e aportes decorrentes”. Sobre a interface, o autor a vê como espaço

de tensão e lembra que o diálogo deve ser motivador de problematizações de cunho comunicacional:

Isto seria, então, observar a complexidade dos fenômenos de interface e a diversidade de aportes teórico-conceituais (interdisciplinaridade) não para justificar a dispersão e sim para, efetivamente, contribuir para a construção do Campo da Comunicação (Braga, 2004, p. 232).

Braga e Signates, em diversas elaborações e debates, colocam os problemas da exogenia e da dispersão como os dois principais desafios do campo atualmente:

Observe-se, entretanto, e uma vez mais, que o problema não está nessa diversidade de disponibilidades teóricas, mas na ausência de dialogicidade entre elas, no caso da dispersão, e na carência de centralidade do comunicacional na dialogicidade com as ciências correlatas, no caso da exogenia (Signates, 2023, p. 8).

Devido a essa elaboração epistemológica sobre o campo da comunicação, compreende-se ser fundamental submeter os objetos de pesquisa à crítica sobre a exogenia e a dispersão, de forma a buscar o estudo do que é especificamente comunicacional, contribuindo, assim, para a consolidação do campo científico da comunicação. Nesse contexto, a importância dos conceitos e das definições é fundamental e o jornalismo científico já enfrenta algumas questões relacionadas a sua definição. Seguiremos, portanto, um caminho de análise da definição de jornalismo científico de Wilson da Costa Bueno primeiramente por um ponto de vista “prático” e aplicado do conceito e, na sequência, de uma perspectiva mais filosófica que inclui a questão da ciência.

O conceito de jornalismo científico

Em um debate prático, à parte da questão epistemológica, já seria possível dizer sobre uma certa confusão a respeito do conceito de jornalismo científico, muitas vezes confundido com divulgação científica, comunicação científica e, mais recentemente, comunicação pública da ciência. Apesar de essa distinção estar estabelecida academicamente, faz parte dessa proposta de pesquisa olhar de forma crítica para o conceito de jornalismo científico, de forma a contribuir para o olhar epistemológico da área da comunicação.

Quando se fala em jornalismo científico, um dos principais referenciais teóricos no Brasil é o professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São

Paulo (ECA/USP) Wilson da Costa Bueno, autor da primeira tese sobre o assunto do País, apresentada em 1984. Parte dessa pesquisa foi publicada na revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) “Ciência e Cultura” em 1985 e ainda hoje esse texto também é utilizado como fonte bibliográfica sobre o tema. Minimamente, a data das publicações já seria suficiente para pensarmos na atualidade das definições, levando em consideração o olhar epistemológico aqui proposto.

Muito mais importante que o critério cronológico é a atitude epistemológica de crítica e revisão de conceitos que, seguindo as problematizações de Braga e Signates, pode gerar reflexões importantes para o campo da comunicação. A primeira parte da tese de Bueno (1984, p. 11) é dedicada ao conceito. Logo no início, ele afirma que o jornalismo científico:

(...) se constitui num caso particular de divulgação científica e refere-se a processos, estratégias, técnicas e mecanismos para veiculação de fatos que se situam no campo da ciência e da tecnologia. Desempenha funções econômicas, político-ideológicas e sócio-culturais importantes e viabiliza-se, na prática, através de um conjunto diversificado de gêneros jornalísticos.

Apesar de iniciar com uma definição “dependente” da ideia de divulgação científica, Bueno (1984) posteriormente deixa claro que se tratam de conceitos diferentes. As “funções” do jornalismo científico conferem uma visão instrumental que, ao nosso ver, empobrece o debate e implica, nas entrelinhas, uma visão limitada de jornalismo e, conseqüentemente, uma visão limitada de comunicação. Na sequência, ele traz uma explicação mais detalhada a partir da definição de Jornalismo de Marques de Melo, mas ainda apresenta a visão de comunicação como “transmissão” de informações que, mais adiante, no presente trabalho, será questionada a partir do ponto de vista interacional de comunicação defendido por Braga:

(...) podemos conceituar o jornalismo científico como um processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizações formais (editoras/emissoras) e coletividades (públicos/receptores) através de canais de difusão (jornal/revista/rádio/televisão/cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) de natureza científica e tecnológica em função de interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos) (Bueno, 1984, p. 22).

Na tese, além da definição, o autor ainda apresenta temas correlatos que influenciam o jornalismo científico e, na nossa visão, devem circundar o conceito. As principais questões citadas por Bueno, com as quais concordamos, são: a dependência de fontes e assuntos do exterior; a ênfase nas chamadas “ciências duras” em detrimento das humanidades; a tendência ao almanaquismo e à exploração de curiosidades; o fato de haver poucos programas de jornalismo científico no rádio e na televisão; o tratamento da ciência pelo viés das grandes descobertas e o problema da decodificação da linguagem dos cientistas, considerada hermética e demasiadamente técnica.

Em artigo de 2009, o autor inclui algumas questões que não apareciam na tese, até mesmo pelo momento histórico em que foi produzida, quando muitas das tecnologias que impactaram a comunicação posteriormente ainda não estavam disponíveis. “Jornalismo científico no Brasil os desafios de uma longa trajetória” aborda o aumento dos espaços para a prática do jornalismo científico, citando a emergência dos sites e de novos canais e programas da televisão por assinatura, além da própria gama de assuntos científicos relacionados à informática e à cibernética, que aumentou bastante. Segundo Bueno (2009), naquele momento persistia o problema que ele chamou de “deslumbramento”, ou seja, a ênfase nas grandes descobertas, e a dependência das fontes externas.

Apesar de vislumbrar novas temáticas que deveriam ser agregadas ao conceito, Bueno (2009, p. 123) não se aprofunda e apenas registra a provocação:

Os temas tradicionais que povoam a literatura sobre jornalismo científico – a decodificação do discurso científico e o conflito entre pesquisadores e jornalistas – certamente, não foram superados, mas urge ampliar o conjunto de preocupações para incorporar, especialmente, o debate sobre a relação entre divulgação científica e poder, contemplando, por exemplo, os procedimentos em curso para aumentar o controle e o sigilo da informação científica.

A partir desses trabalhos, já é possível comprovar a importância da problematização epistemológica, conforme proposta deste estudo. Em entrevista de 2021 a Carla Tôzo, Bueno endereça ainda algumas outras inquietações que fazem parte da presente pesquisa: uma delas é a necessidade de inclusão da internet de maneira mais decisiva no conceito, que trouxe outros canais e possibilidades de realização da divulgação científica e do jornalismo científico. Além disso, destaca-se o protagonismo

dos próprios cientistas como comunicadores de suas pesquisas, visto que uma das premissas da internet é a “democratização” da produção de conteúdo, que não mais está monopolizada pelos meios de comunicação tradicionais. Quando perguntado se o conceito ou a prática do jornalismo científico mudaram com as novas tecnologias, Bueno (2021, p. 153) responde:

Na verdade não sei se eu teria uma nova definição, mas acontece que a abrangência desse conceito, suas aplicações, a prática disso aumentou muito, por exemplo, com as mídias sociais. Você tem hoje vários recursos como o uso de blogs, as mídias sociais, canais de vídeo no YouTube, tudo isso voltado mais para a divulgação Científica muitas vezes.

Ele continua a explorar alguns pontos relativos ao ambiente virtual:

O acesso é maior e você pode consultar periódicos virtuais, ebooks, e outras publicações, então melhorou muito o acesso à informação, mas também tem esse risco porque fica mais difícil precisar a qualidade dessas informações. Quando você procura diretamente os especialistas, as informações são de primeira mão, evidentemente sabe com quem está falando, mas quando você bebe essas informações dentro de ambientes virtuais, necessariamente isso não está muito claro. E tem também as fakenews, a desinformação, fontes que aparentemente parecem ser especializadas, mas não são. O virtual acaba criando esse tipo de aparência de especialização, de credibilidade (Bueno, 2021, p. 153).

Entendemos que temas como *fakenews* e desinformação devem permear a discussão sobre o jornalismo científico, que ainda abrange, atualmente, uma grande responsabilidade frente a discursos negacionistas. Isso coaduna com uma expectativa “ética” compartilhada por Bueno, de que o jornalismo científico tem que abordar temáticas baseadas em evidências científicas e ajudar a desconstruir pseudociências e combater a proliferação desses discursos.

Além disso, a potencialidade das mídias sociais não implica apenas o aumento do acesso à informação, mas também, concordando com a ressalva de Bueno sobre a desinformação e a grande disseminação de conteúdos, é preciso problematizar aqueles produzidos diretamente pelos pesquisadores ou por “pessoas comuns”. Embora, em tese, não seja jornalismo especificamente, abre espaço para uma nova tendência jornalística que é o fact-checking, ou seja, a checagem de fatos para o endosso (ou não)

de conteúdos, que pode ser feita por meio do jornalismo científico, usando evidências para comprovar ou não o que está sendo submetido à checagem.

Porém, ainda que abarque, em certa medida, questões atuais que devem ser incorporadas ao conceito de jornalismo científico, nos textos aqui estudados isso é feito de maneira pouco aprofundada e sem a visada epistemológica de problematização e diálogo com as interfaces da definição, que serão apreciadas de forma introdutória, a seguir.

Jornalismo, comunicação e ciência

Para explorar essa ideia da atualização do conceito de jornalismo científico no bojo da epistemologia da comunicação, convém aprofundar a visão teórica da comunicação adotada como pano de fundo da prática jornalística e, como se trata de jornalismo científico, incluir abordagens da filosofia da ciência que podem apoiar a ideia de atualização do conceito aventada na seção anterior.

Braga (2011) explica sua perspectiva teórica sobre o campo da comunicação, que ajuda a definir o objeto (apesar de assumir que essa questão do objeto perdeu um pouco de importância desde os anos 1990). Para ele, pensar em termos de “interação” foge da perspectiva de que “tudo é comunicação”, algo que prejudica sua especificidade, e também comporta interfaces com outras áreas do conhecimento.

Uma maneira (intuitiva e não “definidora”) de referir-se à interação comunicacional é considerar que se trata aí dos processos simbólicos e práticos que, organizando trocas entre os seres humanos, viabilizam as diversas ações e objetivos em que se vêem engajados (por exemplo, de área política, educacional, econômica, criativa, ou estética) e toda e qualquer atuação que solicita co-participação. Mas também o que decorre do esforço humano de enfrentar as injunções do mundo e de desenvolver aquelas atuações para seus objetivos – o próprio “estar em contato”, quer seja solidário quer conflitivo – e provavelmente com dosagens variadas de ambos; por coordenação de esforços ou por competição ou dominação (Braga, 2011, p. 66).

A concepção de Braga aponta a importância da processualidade da comunicação e concorda com a crítica de Signates (2018) à forma como a ciência da comunicação é abordada institucionalmente por órgãos de fomento e apoio à pesquisa no Brasil. Segundo ele, a classificação de tabelas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) “privilegia os aspectos técnico-profissionais da formação em

comunicação” (Signates, 2018, p. 50), além de olhar para a área pela via das tecnologias implicadas nos meios e se fundamentar prioritariamente em questões mercadológicas. Pela análise do autor, é possível perceber que questões teóricas, filosóficas e críticas não são protagonistas nos debates sobre a comunicação.

A hipótese que emerge como corolário desse trabalho é o que provisoriamente denominamos um “clamor de contexto”, isto é, uma demanda social de largas proporções por uma ciência que reconecte a comunicabilidade humana à construção do saber, da ética, da democracia e da justiça social (Signates, 2018, p. 61).

A partir dessa ideia, considera-se que este também pode ser um objetivo do jornalismo científico, tendo o ponto de interface do conceito entre a comunicação e a ciência, debatida pela filosofia, sociologia e também incluindo questões como saber, ética e democracia. Apesar de algumas problematizações de viéses prioritariamente técnicos atribuídas à discussão sobre o conceito de jornalismo científico na seção anterior, é importante fazer a ressalva de que essa possível atualização do conceito não pode perder de vista o fundo filosófico e sociológico da ideia de ciência.

Como afirma Signates (2012), as ciências passam por um momento de crise em vários sentidos. Abordaremos aqui duas das crises citadas por ele e que acreditamos serem reflexões importantes para a problematização do conceito de jornalismo científico: as crises da verdade e das especializações.

Após rupturas como a ideia da verdade baseada na autoridade ou a religião como o lugar da verdade, ela passou a ser vista de modo mais flexível pela ciência, a partir de “aproximações plausíveis” e do “cálculo de probabilidades” (Signates, 2012). Esse contexto concorda com a virada Popperiana que colocou a falseabilidade no centro da questão, em vez da verificabilidade. Baseado nessa ideia, o conceito de jornalismo científico deveria considerar que os conteúdos devem propiciar a reflexão sobre a busca da verdade em diferentes áreas do conhecimento, de forma dialógica e provisória e não uma verdade absoluta ditada sem espaço para a crítica. Signates (2012, p. 144) afirma:

A crise da verdade, como vimos, caracteriza-se pelo fim das certezas e dos metarelatos, que culminaram na admissão popperiana de que a ciência não é senão o lugar da incerteza, da falseabilidade, da busca eterna pela verdade, sem a perspectiva de encontrá-la, senão provisoriamente.

Já a chamada crise das especializações está relacionada a uma “mera separação de saberes, a partir de perguntas e teorizações específicas, que surgiriam por bipartição

ou por inovações nas descobertas científicas” (Signates, 2012, p. 138). O autor pontua o fato de que os cientistas sabem cada vez mais de cada vez menos e isso leva a uma visão fragmentada da ciência que é acompanhada pelo modo como o jornalismo científico é praticado atualmente. Conforme também abordado por Signates (2012), as necessidades políticas, formais e institucionais dessa fragmentação tem a justificativa de organização das diretrizes da política científica, mas os conteúdos produzidos pelo jornalismo científico poderiam questionar essa especialização no sentido de propor conexões e problematizações sobre esse modo de produção da ciência que muitas vezes prejudica o diálogo entre as disciplinas.

Signates (2012) ainda baseia-se em Boaventura de Sousa Santos para ressaltar que é preciso reconciliar saberes da filosofia, da ciência e do senso comum e isso, de certa maneira, induz a uma “inversão epistemológica” de forma que na visão de Santos não devem prevalecer a epistemologia e os critérios metodológicos das ciências naturais porque “todas as ciências são sociais” (Santos apud Signates, 2012, p. 146). Essa ideia leva a outra temática já abordada nas críticas ao conceito de jornalismo científico, quando denunciada a predominância das chamadas “ciências duras” em detrimento das humanidades na cobertura jornalística.

Portanto, é possível visualizar a importância de algumas contribuições do debate teórico e epistemológico sobre o conceito de comunicação e sobre a questão da ciência que podem influenciar uma ideia de conceito de jornalismo científico que se propõe mais problematizadora do que é praticado atualmente.

Considerações finais

Na perspectiva de que “Teoria é o pensamento sistematizado que surge de indagações e o que produz e condiciona a pertinência delas. Não são as explicações, e sim as perguntas, aquilo que interessa nas teorias” (Signates, 2012, p. 134), este trabalho espera ter mostrado problemáticas relacionadas ao conceito de jornalismo científico, sem a pretensão de resolvê-las, mas de enfatizar que a problematização epistemológica acerca da definição pode contribuir para uma melhor prática.

Reconhece-se que o conceito de jornalismo científico aqui adotado representa uma limitação do debate sobre o tema, e que o mesmo poderia ser feito com outros autores que discutem o assunto. A ideia foi obedecer a uma necessidade de recorte

característica dos trabalhos de pesquisa, mas também destacar trabalhos que são pioneiros e, de certa forma, têm sua importância ao influenciar diversos outros estudos sobre a temática.

Sendo assim, acredita-se na importância do olhar epistemológico aqui proposto, de forma que novos debates e perguntas acerca do jornalismo científico podem surgir a partir da reflexão sobre as teorias da comunicação que o influenciam e sobre as interfaces com outras áreas que possam contribuir para a discussão.

Referências

BRAGA, José Luiz. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. **Contracampo**, Edição Especial, v.10, n.11, p. 219-235, 2004.

BRAGA, José Luiz. Constituição do Campo da Comunicação. **Verso e Reverso**, XXV(58):62-77, jan.-abr. de 2011.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico no Brasil**: os desafios de uma trajetória. In PORTO, CM., org. Difusão e cultura científica: alguns recortes [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. 113-125.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico no Brasil**: os compromissos de uma prática dependente. 1985. Tese (Doutorado em Jornalismo e Editoração) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27135/tde-03052024-112905/pt-br.php>. Acesso em: 1 jun 2025.

SIGNATES, Luiz. **A comunicação como ciência básica tardia**: uma hipótese para o debate. E-Compós, v. 21, n. 2, 2018. Disponível em: <https://ecompos.emnuvens.com.br/ecompos/article/view/1387/1843>. Acesso em 10 mai 2025.

SIGNATES, Luiz. **Comparatismo tensional da comunicação**: uma alternativa metateórica de combate à dispersão. In: Anais do 32º Encontro Anual da Compós, São Paulo: USP, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos2023/trabalhos/comparatismo-tensional-da-comunicacao-uma-alternativa-metateorica-de-combate-a-d?lang=pt-br>. Acesso em 20 mai 2025.

SIGNATES, Luiz. Epistemologia e comunicabilidade: as crises das ciências, ante a perspectiva da centralidade do conceito de comunicação. **Comunicação & Informação**, v. 15, n. 2, p. 133-148, jul./dez. 2012

TÔZO, Carla de Oliveira. **Revista ALTERJOR**. Ano 13–Volume 02–Edição 26–Julho-Dezembro de 2022.